

**Livro, identidade e memória:  
A biblioteca de Getúlio Vargas do Museu da República**

Book, identity and memory: Getúlio Vargas Library of the Museum of the  
Republic

Vitor Serejo<sup>1</sup>  
Carlos Henrique Juvêncio<sup>2</sup>

**Resumo:**

A partir da pesquisa junto à exposição virtual "Dedicatórias a Getúlio Vargas: Fragmentos de uma Biblioteca", inaugurada em 2015, pelo Museu da República (RJ), nosso artigo busca apresentar um debate sobre os conceitos de colecionismo, memória, identidade, e história do livro, a fim de tornar possível uma investigação sobre as dedicatórias presentes nos exemplares do ex-presidente do Brasil. Para isso, tivemos como base teórica os autores: Pomian, Benjamin, Moles, Baudrillard, Hall e Chartier. Conclui que as dedicatórias são um meio de conhecer mais das relações estabelecidas pelo colecionador ao longo de sua vida e uma forma de recuperar traços de sua identidade e memória.

**Palavras-Chave:** Coleção de livros. Dedicatória. Getúlio Vargas. Memória.

**Abstract:**

Based on the research with the virtual exhibition "Dedications to Getúlio Vargas: Fragments of a Library", opened in 2015, by the Museum of the Republic (RJ), our article seeks to present a debate on the concepts of collecting, memory, identity, and history of the book, in order to make possible an investigation on the dedications present in the copies of the former president of Brazil. For this, we had as theoretical basis the authors: Pomian, Benjamin, Moles, Baudrillard, Hall and Chartier. It concludes that the dedications are a means of learning more about the relationships established by the collector throughout his life and a way to recover traces of his identity and memory.

**Keywords:** Book's collection. Dedicatory. Getúlio Vargas. Memory.

---

<sup>1</sup> Administrador e estudante de Arquivologia da Universidade Federal Fluminense (UFF).  
E-mail: vitorserejo@id.uff.br

<sup>2</sup> Professor Adjunto do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense (GCI/UFF).  
E-mail: carloshjuv@gmail.com

## 1 Introdução

O colecionismo é uma das atividades mais praticadas no mundo, por isso mesmo é comum as pessoas terem ao longo de suas vidas inúmeras coleções, sendo estas compostas pelos mais variados e excêntricos objetos. É das coleções que surgem boa parte dos acervos das instituições de memória, como por exemplo os museus, que têm sua origem fortemente atrelada aos gabinetes de curiosidades, que reuniam os objetos mais diversos (BLOM, 2003).

Baudrillard (1989, p. 103) afirma que a coleção “[...] é primeiro, no sentido literal do termo, um ‘passatempo’ pois que simplesmente o abole”. Nessa mesma linha de raciocínio, Pomian (1984, 2000) considera as coleções uma espécie de máquina do tempo, uma ponte entre o presente e o passado.

As coleções de livros, sobretudo, estão presentes em várias instituições e locais, pertencendo à vida das pessoas de forma natural, como se a acumulação de livros fosse inerente ao social. De fato, o livro é ainda atrelado à erudição e a (alta) "cultura", assim como que possuí-los dota o indivíduo de status, um símbolo de sabedoria. Ao livro o colecionador, mesmo que não intencionalmente, interpõem sinais, marcas que o diferenciam de outros, anotações sobre seu conteúdo, perfazendo-o único, mesmo num universo guiado por exemplares.

Esses sinais são as marcas de proveniência que nos possibilitam verificar a história do livro e seu percurso no social. Dizemos isso pois um livro também coleciona colecionadores e cada um deles deixa um rastro de si na obra. As marcas de proveniência podem ser interpretadas à luz do pensamento de Pomian (2000, p. 508), quando este declara que “[...] entre o presente e o passado interpõem-se sinais e vestígios mediante os quais – e só deste modo – se pode compreender o passado; trata-se de recordações, imagens, relíquias”.

Para além disso, o livro pode ser compreendido como patrimônio. Seja em seu sentido documental ou bibliográfico, ele se insere no rol das representações que a sociedade faz de si e para si, se expressando como elemento de sua cultura, de seu tempo e da sociedade que o cerca. O aspecto simbólico do entendimento do livro como patrimônio reside, sobretudo, na sua capacidade de tecer uma ponte entre o visível e invisível, entre passado e presente, se expressando por elementos objetivos de seu conteúdo, mas, também, por sinais que acumulou ao longo de sua história. De fato:

É necessário compreender que o patrimônio bibliográfico e documental da humanidade tem grande influência nas sociedades devido à sua capacidade de formar identidades, de proporcionar conhecimentos sobre o passado, bem

como de permitir construir o presente e visualizar o futuro (PALMA PEÑA, 2011, p. 308, tradução nossa).

Logo, a noção de patrimônio bibliográfico e documental se insere neste artigo pois nosso objetivo é evidenciar, através da coleção de livros que pertenceu ao ex-presidente Getúlio Vargas, traços identitários e de memória que os exemplares apresentam, focando, sobretudo, nas dedicatórias ao personagem.

A pesquisa para realização do artigo se deu junto à exposição virtual "Dedicatórias a Getúlio Vargas: Fragmentos de uma Biblioteca", inaugurada em 2015, cuja curadoria foi da bibliotecária Valéria Gauz. O acervo do ex-presidente pertence ao Museu da República (RJ) e é franqueado ao público.

O embasamento teórico articulou-se sobre três eixos: colecionismo, memória e identidade, e, por fim, história do livro. Como autores relevantes para o estudo podemos citar Pomian (2000), Benjamin (2012), Moles (1981), Baudrillard (1989), Hall (2015), e Chartier (2000).

A estrutura do artigo é composta por: uma seção dedicada ao entendimento do colecionismo e a sua ligação com a cultura material e a identidade, outra que busca traçar brevemente o perfil biográfico de Vargas e, por fim, o estudo de alguns aspectos presentes nas dedicatórias feitas em livros ao ex-presidente, evidenciando parte de sua atuação política e a imagem que construiu de si para o país.

## **2 Colecionismo na cultura material**

A relação dos seres humanos e dos objetos que os circundam não é um tipo de tendência moderna ou uma descoberta contemporânea, muito pelo contrário, colecionar objetos é fazer deles um totem de impulsão, como um ato contínuo de estabelecer características sociais, além de refletir o desenvolvimento dos ambientes que nos rodeiam. Essas são algumas das contribuições que podemos observar sobre essa interação dos objetos para com o sujeito.

Pretendemos nesta parte do artigo fazer uma pequena observação sobre como o conceito de colecionismo adquire status de grande importância durante o período do colecionador, da mesma forma, como este valor pode permanecer até mesmo depois de sua morte. No mais, também veremos como que as escolhas dos sujeitos, ao portar determinados objetos, nos revelam uma dimensão, a posteriori, sobre uma representação de ações e interesses do indivíduo.

Na busca em tentar compreender em qual tipo de ambiente social e cultural, nossa temática está inserida, procuramos agora trabalhar com o conceito da cultura material. Segundo Bucaille e Pesez (1989, p. 24), "a cultura material é composta em parte, mas não só, pelas formas materiais da cultura". Isso é possível uma vez que se estabelecem quatro aspectos que estão ligados a esse tipo de cultura, sendo eles: anonimato, permanência, inserção na infraestrutura social e que está ligada às técnicas e tecnologias, e o objeto (BUCAILLE; PESEZ, 1989).

Deste modo, a cultura material oferece ao ser humano a possibilidade de fazer conectar sua forma/pessoa em representações materiais e estabelecer relações entre o que podemos ver como matéria e o que não necessariamente está explícito como componente físico no espaço. Assim, observamos que as relações sociais, suas crenças e desejos, tal qual o desenvolvimento tecnológico e estrutural da sociedade, interferem no que vem a ser a cultura material. Um item específico que pretendemos destacar aqui é a questão do objeto perante essa cultura.

Podemos identificar no objeto, a partir de aspectos antropológicos, sociológicos e até psicológicos, questões que possam não apenas representar uma idéia em formato físico, mas ir além disso. Isso se dá por meio do aspecto subjetivo presente em um objeto, na medida em que este passa a ser possuído por determinado sujeito. Logo, o que podemos observar aqui é que saber o valor de determinado objeto, é ter consciência do mesmo em uma relação sobre o espaço e o tempo. Inclusive, o valor pode ser monetário, mas, em sua maioria é afetivo e simbólico, chegando ao caráter fetichista do desejo de possuir um objeto específico como observa Moles (1981). Sobre essa relação de tempo, Murguia (2009) nos aponta que na cultura material:

[...] as mudanças são lentas e não são facilmente perceptíveis. Ela também existe num espaço ou lugar específico, diferenciando uma cultura da outra; e apresenta elementos culturais na medida em que uma cultura pode receber ou rejeitar elementos de outras; as mudanças e trocas não existem baseadas numa relação causa/efeito, mas são sempre mediadas por interesses múltiplos (MURGUIA, 2009, p. 89).

Podemos identificar na afirmação de Murguia (2009) que as relações do sujeito com a cultura que o cerca são de caráter orgânico. Sendo assim, obter controle sobre as ações de quem possui determinado objeto, bem como o modo em que este se apresenta como significante seu dono, não é de todo previsto. A relação estabelecida entre objeto e sujeito não é imposta em modelos, uma vez que pode variar de situação para situação.

Dentre as possibilidades que se apresentam, duas são mais palpáveis e visíveis na sociedade contemporânea e estão ligadas a uma noção de quantidade: acumulação e colecionismo. É importante que aqui frisemos que estes dois conceitos não se tratam de Memória e Informação, v. 4, n. 2, p. 193-210, jul./dez. 2020

sinônimos, posto que têm finalidades que possibilitam suas diferenças. Murguia (1989) nos afirma que a acumulação é "[...] o ato de colecionar objetos com a finalidade de sua simples posse ou exibição" (MURGUIA, 1989, p. 90). No caso da acumulação, ter um objeto está vinculado a uma rotina e ausência de critérios específicos sobre ele, enquanto no colecionismo há critérios e rotinas bem especificadas (ao menos para o colecionador) do que comporá ou não sua coleção, o fetiche pelo objeto se faz presente.

Afim de podermos diferenciar os termos, a questão da coleção está associada à uma interação cultural que ultrapassa uma noção de acúmulo. Segundo Baudrillard (1993, p. 111) podemos dizer que:

A coleção emerge para a cultura: visa objetos diferenciados que têm freqüentemente valor de troca, que são também "objetos" de conservação, de comércio, de ritual social, de exibição, — talvez mesmo fonte de benefícios. Estes objetos são acompanhados de projetos. Sem cessar de se remeterem uns aos outros, incluem neste jogo uma exterioridade social de relações humanas.

A coleção, portanto, cria uma identidade entre colecionador e itens e entre os próprios itens, há um padrão, mesmo que não declarado, do que se coleciona. Podemos observar, a partir desta afirmação de Baudrillard (1993), que as finalidades de uma ação que busca no colecionismo sua proximidade é diferente do ato de acumular coisas. Porém, é necessário ter em vista uma maior profundidade sobre o que entendemos pelo ato de colecionar e, por conseguinte, tentar compreender aspectos caros, presentes em uma coleção de objetos quaisquer, sejam selos, moedas ou livros.

## **2.1 Sobre a coleção**

O ato de colecionar remete a um desejo individual das pessoas. Não parece aqui importar muito o que queremos colecionar, o que faz possível que sejam então objetos quaisquer. É complexo como que a descoberta sobre um objeto é o que pode modificar ou incentivar um colecionador a sentir desejo pelo mesmo. Porém, essa ação cotidiana, espécie de hobby ou maldição, pode nos remeter a uma característica inútil e um tanto egoísta do sujeito.

O interessante sobre o ato de colecionar é essa falsa noção de que as coleções se desenvolvem por vontade do sujeito. Mas, ao contrário do que podemos pensar, o desenvolvimento e aperfeiçoamento de coleções está ligado a situações que se encontram em um escopo muito mais coletivo do que parece. Diferentemente de acumular coisas como uma rotina quase inconsciente, as coleções são, segundo Pomian (1984, p. 55):

Conjuntos de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades económicas, submetidas a uma proteção especial e expostos ao olhar, acumulam-se com efeitos nas tumbas e nos templos, nos palácios dos reis e nas residências de particulares.

Esse chamamento provocado pelo objeto desejado é, de fato, o que caracteriza a possibilidade de nascimento da coleção, é esse desejo que impulsiona o colecionador em busca de mais e mais itens para ela. Essa reflexão se torna possível no momento em que pensamos que o desejo do produtor é obter posse sobre o objeto. Segundo Baudrillard (1993, p. 94):

A posse jamais é a de um utensílio, [...] é sempre a de um objeto abstraído de sua função e relacionado ao indivíduo. Neste nível todos os objetos possuídos participam da mesma abstração e remetem uns aos outros na medida em que somente remetem ao indivíduo. Constituem-se pois em um sistema graças ao qual o indivíduo tenta reconstruir um mundo, uma totalidade privada.

Podemos observar aqui que essa totalidade privada é uma espécie de representação do indivíduo que, por sua vez, projeta sua imagem como uma parte de si nos objetos. Assim, podemos pensar que ele dá vida ao que antes era um mero pedaço material que não obtinha valor específico. Dada a proximidade com outros objetos que assim também "renascem" para o mundo, o sujeito acaba por gerar uma coleção.

Sobre esse formato de coleção, Baudrillard (1993) nos chama atenção que "[...] é nela que triunfa este empreendimento apaixonado de posse, nela que a prosa cotidiana dos objetos se torna poesia, discurso inconsciente e triunfal" (BAUDRILLARD, 1993, p. 93). É aqui que certos objetos adquirem esse status de troféu sobre a simples existência de outros, sua magnitude se concretiza e faz possível a condição de símbolo para quem os observa. Mas então, é neste aspecto que surge a seguinte dúvida: seria o objeto uma questão material possuída pelo sujeito ou o contrário? Não estaria o objeto tomando posse do sujeito?

É curioso observar que a noção de posse sobre algo apresenta uma relação ambígua. Com o tempo, podemos perceber que a celebração em adquirir um objeto pode ser a dependência de estar vinculado a ele, e nos leva a pensar sobre como a coleção está para o sujeito, assim como o sujeito está para a coleção. Ainda nessa questão, Baudrillard (1993) nos indaga se "[...] podem os objetos construir outra linguagem além daquela? Pode o homem por meio deles constituir outra linguagem além de um discurso a si mesmo?" (BAUDRILLARD, 1993, p. 113).

O discurso que se faz presente nas coleções é um tanto íntimo aos colecionadores, por isso, muitas delas morrem junto com eles, já que o impulso de colecionar, com raras exceções, é individual. A motivação em colecionar é uma questão ainda a ser melhor interpretada, visto *Memória e Informação*, v. 4, n. 2, p. 193-210, jul./dez. 2020

que, segundo Benjamin (2012, p. 241), “[...] só quando extinto é que o colecionador será compreendido”. E por se tratar de uma matéria abstrata, ela não se restringe a um tipo de objeto, ou seja, podemos encontrar essas mesmas perguntas e possibilidades independente da coleção. Mas aqui tomaremos como exemplo os livros e a construção de uma biblioteca pessoal.

Há algo um tanto misterioso sobre a ideia de colecionar. Presentes em uma estante, num quarto fechado ou mesmo em outros tipos de suportes e ambientes, estão verdadeiros tesouros para os colecionadores - de fato, por vezes, são realmente tesouros que valem muito dinheiro. Benjamin (2012, p. 236), nos alerta que “[...] colecionadores são pessoas de instinto tático; quando conquistam uma cidade desconhecida, sua experiência lhes mostra que a menor loja de antiguidades pode significar uma fortaleza”. Existe nesse flerte entre o colecionador e o item colecionado uma proximidade de tradições. As revelações de um objeto não se dão pela sua imagem física, mas pela história ali preservada. São como baús de tesouro que anseiam em ser abertos e que a chave só o colecionador possui.

Isso nos faz pensar que o ato de colecionar é um hábito que envolve questões atemporais, como por exemplo, as heranças e legados que as coleções representam e que sempre precisam de um interlocutor para gerar sentido. Sobre essa noção de preservar, tão cara aos colecionadores de objetos, Benjamin (2012, p. 240) afirma que:

[...] a herança é a maneira mais pertinente de formar uma biblioteca. Pois a atitude do colecionador em relação aos seus pertences provém do sentimento de responsabilidade do dono em relação à sua posse. É, portanto, no sentido mais elevado, a atitude do herdeiro. Assim, a transmissibilidade de uma coleção é a qualidade que sempre constituirá seu traço mais distinto.

Como podemos perceber, Benjamin (2012) nos apresenta algo que é vital ao modo como o colecionador se porta perante o objeto colecionado: o respeito ao legado. Ao legar uma coleção a alguém ou a uma instituição, o colecionador deve ter em mente que formou um herdeiro/interlocutor, afinal, os traços identitários tão próprios de uma coleção personalizam até mesmo as representações dos objetos e só para quem esses itens fazem sentido é que o diálogo com a coleção será possível.

Sendo assim, a biblioteca particular também pode ser encarada como um conjunto de objetos procurados e preservados pelo colecionador, que remetem a seus interesses particulares, frutos de um discurso que envolve o sujeito. Os parâmetros familiares, sociais e pessoais aqui presentes servem de espelho para o que o colecionador deseja formar. São guardiões de uma história, de um hábito e, geralmente, são legados como herança familiares.

Contudo, como elucida Baudrillard (1993), o livro é dos objetos de coleção um dos mais peculiares, mesmo quando revestido do status simbólico que o colecionador lhe atribui não perde a sua função primeira: ser uma fonte de informação. E, talvez daí a sua facilidade em ter sua coleção continuada. O autor observa que a morte da coleção é a completude de seus itens, afinal, o que move o colecionador é a aquisição do próximo objeto. Entretanto, o universo do livro é inesgotável e completar uma coleção bibliográfica é quase impossível.

## **2.2 Memória e identidade**

Pomian (1984) observa que uma coleção é a ponte entre o visível (mundo físico, o presente) e o invisível (o passado), fazendo a ligação dos dois mundos. De fato, quando um objeto é incorporado à uma coleção deixa de ter seu caráter utilitário e passa a ser um símbolo, uma representação para o colecionador. Isso é possível uma vez que o sujeito aqui, diante de um objeto de fetiche, cria uma relação única para com ele. E aqui é importante percebermos que o discurso do sujeito sobre o objeto é o de familiaridade, ou seja, o objeto se torna componente do colecionador, como uma peça em um mosaico.

O objeto, portanto, passa a fazer parte da identidade do colecionador. Cada objeto deixa de ser útil e passa a remeter a uma constelação de fatos, como a história do item, se foi comprado ou um presente, a quem pertenceu antes, em que momento da vida do colecionador ele foi incorporado à coleção. A identidade do colecionador, portanto, é refletida pelos objetos que coleciona, sua vida é por eles narrada e, quando pensamos no livro, que é um dos itens que permitem a incorporação de elementos escritos em sua estrutura, um universo se desvela a partir de sua materialidade.

Junto a essa ideia projetada pela memória do sujeito, podemos encontrar a construção de sua identidade. Porém, o conceito de identidade é um tanto complexo para se sistematizar. Sobre o colecionador, podemos observar que a construção de uma coleção, por razão de apresentar uma vontade individual do sujeito, mas que também permeia um discurso que o circunda, traz consigo questões ligadas a aspectos sociais que irão ajudar o sujeito a compor essa identidade. É importante mencionar que estes aspectos são variantes e dependem do campo social em que se inserem. Essa relação de caráter histórico tem como componentes os elementos que podemos encontrar no envolvimento pessoal do sujeito. Podemos averiguar, por exemplo, que a memória de uma pessoa está vinculada à história que se faz presente na sua vida, seja por questões familiares ou temporais, portanto, um discurso produzido está diretamente em

destaque com o sujeito. No caso da identidade, esse conceito se transforma por questões históricas.

Da mesma forma, a maneira como o sujeito compreende sua identidade na sociedade, está presente através de uma representação social de suas ações. Segundo Hall (2015) os conceitos de identidade, aqui delimitados entre o período moderno e contemporâneo, podem ser compreendidos a partir de três possibilidades: sujeito do Iluminismo, Sujeito Sociológico e Pós-moderno. Para nossa análise, nos deteremos nos dois primeiros tipos esboçados pelo autor.

Sobre o sujeito do Iluminismo, Hall (2015, p. 10-11) afirma que este

[...] estava baseado numa concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo 'centro' consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e como ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou 'idêntico' a ele - ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do 'eu' era a identidade de uma pessoa.

Podemos observar que a noção de sujeito do Iluminismo nos faz gerar uma identidade invariável, que não tem camadas. Esse aspecto linear que apresenta tal sujeito faz com que ele não tenha a possibilidade de câmbio social, somente se destinando ao que lhe foi previsto como sujeito, o que nos faz pensar em uma imagem de totalidade presente em sua identidade.

O outro tipo de identidade que vamos mencionar aqui é a do sujeito sociológico. Segundo Hall (2015, p. 11) aponta, este sujeito

[...] refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que esse núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com 'outras pessoas importantes para ele', que mediavam para o sujeito os valores, os sentidos e os símbolos - a cultura - dos mundos que ele/ela habitava.

No caso deste último, podemos identificar uma característica que se difere do anterior e que já nos apresenta uma maior complexidade perante a imagem social, já que há uma separação do que ele é, como sujeito, e do que ele representa. Nesse caso, segundo Hall (2015, p. 11), “[...] o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o 'eu-real', mas esse é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais 'exteriores' e as identidades que esses mundos oferecem.

É interessante pensarmos que essa variação é o resultado da representação do sujeito com o ambiente exterior, o qual também se relaciona. Mas uma questão se apresenta ao refletirmos sobre isso: poderia o sujeito, ao ter consciência do que pode vir a apresentar como

identidade para a sua comunidade, estabelecer padrões e imagens específicas sobre como aparenta ser?

### 3 Vargas e os livros: nota biográfica

Pretendemos aqui evidenciar nosso personagem de pesquisa e como que este sofre intervenções pela análise das possibilidades trazidas a priori, entre elas o colecionismo, o conceito de coleção e a forma como a identidade do responsável pelos documentos aqui investigados é exposta.

Getúlio Vargas (1882-1954), ex-presidente do Brasil, era fã incondicional de livros, Lira Neto (2012, p. 85) diz que:

Após as aulas, Getúlio caminhava com seu passo miúdo pela tradicional e sofisticada rua da Praia, à época a mais importante da cidade, soltando baforadas feito uma chaminé ambulante. Demorava-se à porta das livrarias para conferir as novidades, especialmente nas prateleiras de filosofia, ciências e literatura. Investia boa parte da mesada de 200 mil-réis enviada pelo pai na aquisição de novos títulos. No acanhado quarto da república estudantil em que passara a morar - a Pensão Medeiros -, na rua do Riachuelo, 299, nos fundos do Theatro São Pedro, Getúlio começou a formar uma pequena biblioteca particular.

Cerca de 60 mil-réis iam para o pagamento do aluguel na pensão, conhecida pelos ruidosos moradores como "a República Infernal". Um outro tanto da mesada era empregado em despesas pessoais, o que lhe deixava por volta de 80 mil-réis de saldo a cada mês. Como nunca fizera questão de esbanjar dinheiro com roupas, quase todo o resto da mesada paterna era mesmo destinado à compra de charutos e livros.

No quarto que recendia a sarro de tabaco e erva-mate, as lombadas dos compêndios jurídicos perfilavam-se junto às de romances nacionais e estrangeiros. O Ateneu, de Raul Pompeia; Os sertões, de Euclides da Cunha; e Germinal, de Émile Zola, figuravam entre os títulos favoritos do rapaz.

Grande colecionador de livros desde jovem, Vargas viu sua biblioteca multiplicar de tamanho ao longo dos anos de seu governo, já que recebeu inúmeros livros como presentes de amigos íntimos, de chefes de governo e de admiradores. Depois de sua morte sua biblioteca particular foi dividida, tendo sido doada à Fundação Getúlio Vargas e ao Museu da República, ficando ainda alguns exemplares entre seus herdeiros.

Como presidente estabeleceu políticas culturais abrangentes sobre a edição e publicação de obras, sendo responsável pela criação do Instituto Nacional do Livro (INL), em 1937, órgão que até a sua extinção, na década de 1990, era um dos grandes promotores da indústria editorial nacional. Para além disso, parece-nos que Vargas enxergava no livro um meio de estabelecer a

cultura e identidade nacional, compelindo o INL em seus primeiros anos a estabelecer políticas públicas relativas ao saber nacional.

Vargas acabou por se firmar no imaginário social brasileiro como uma figura polêmica e complexa, visto que seus métodos de política, as conquistas efetuadas ao longo de seus dois mandatos como chefe de Estado (primeiramente de 1930 a 1945 e posteriormente de 1951 até 1954) são questionáveis, mas também compreendidas como ações históricas para uma nação (LIRA NETO, 2012).

Nossa análise porém não busca investigar aqui a figura política de Vargas como um líder que exerceu suas funções. O que buscamos evidenciar é um conjunto de documentos, os quais Vargas manteve preservado e colecionou ao longo de toda a sua vida: sua biblioteca particular.

Vargas mantinha diversos tipos de livros em suas estantes: ficção, não-ficção, livros técnicos, biografias, entre outros. Seu acervo é vasto e reflete seus gostos pelos temas ali abordados, além da sua rede de relações sociais, responsáveis, sobremaneira, por aumentar sua coleção dada sua predileção pelo livro. Porém, para podermos delimitar nossa pesquisa, nos deteremos aqui em um quesito bastante peculiar ao ex-presidente: as dedicatórias ali presentes em sua coleção de livros.

### **3.1 As dedicatórias e o patrimônio bibliográfico**

Uma coleção de livros é singular, uma vez que torna possível ao objeto colecionado manter sua funcionalidade enquanto fontes de informação, permitindo, ainda, a inscrição de elementos que tornarão aquele exemplar produzido em série, único. Carimbos, assinaturas, ex-libris, ex-donos e demais itens que compõem as chamadas marcas de proveniência, rastro de memória que servem para contar a história do livro e de seu colecionador.

O mais curioso é que existem os bibliófilos, colecionadores profissionais de livros, amantes da sua materialidade, raridade e preciosidade. Mas não é necessário ser um bibliófilo para possuir uma coleção de livros, ao bibliófilo as questões ligadas à materialidade do livro, por vezes, são mais importantes que seu conteúdo. Em uma biblioteca pessoal, geralmente a relação é inversa, sinalizando os gostos de seus colecionadores, exprimindo interesses e aptidões. Nosso objeto de estudo para este artigo é a coleção de livros do ex-presidente Getúlio Vargas, custodiada pelo Museu da República (RJ). Figura controversa da história do Brasil,

Vargas, segundo Gauz (2015), era ávido leitor e tinha nos livros seus passatempo favorito. Observa ela que:

Manusear livros de qualquer coleção que possua uma identidade possibilita diversas leituras que refletem preferências em diferentes etapas de vida de seu proprietário. As dedicatórias de livros oferecidos a uma personalidade da vida pública brasileira, como é o caso de Getúlio Vargas, mais do que falar das escolhas literárias do homenageado – considerando que presentes podem ser oferecidos de acordo com o gosto do leitor – expõem relações pessoais, evidenciam situações, trazem luz a fatos e levantam questões. Dedicar um livro a alguém pode revelar a intenção de quem o faz (GAUZ, 2015).

Assim, o livro é elemento chave para a (re)construção da identidade do sujeito, se inserindo naquilo que Bourdieu (1980) chama de capital social, ou seja:

[...] o conjunto dos recursos atuais ou potenciais ligados à posse de uma **rede duradoura** de relações mais ou menos institucionalizadas e de interconhecimento; ou, em outras palavras, ao pertencimento a um grupo, como um conjunto de agentes que não são apenas dotados de propriedades comuns (suscetíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também unidos por laços permanentes e úteis. Esses laços são irredutíveis às relações objetivas de proximidade no espaço físico (geográfico) ou mesmo no espaço econômico e social porque se baseiam nas trocas inseparavelmente materiais e simbólicas, cuja instauração e perpetuação supõem o reconhecimento dessa proximidade (BOURDIEU, 1980, p. 2, tradução nossa, grifo do autor).

O livro é um símbolo material de poder há muitos séculos, sua posse é sempre atrelada à erudição e conhecimento, além de ser um modo de render homenagens, o que é parte das trocas simbólicas que o capital social comporta. Esse fato é reforçado por Chartier (2000) quando este declara que a dedicatória, elemento bastante comum na coleção de livros de Vargas, é uma forma de o autor honrar o dedicando, colocando-o como autor máximo daquela obra, agradecendo seu mecenato e apoio e, em retribuição, esta obra passa a fazer parte da coleção pessoal do dedicando, uma honra para o autor. O simbolismo reside na mútua realização e homenagem.

A origem da dedicatória em livros está associado ao verbo "dedicar", o que nos permite pensar que estamos dedicando algo (o livro, por exemplo) para alguém. Mas o que estamos dedicando? Que relação é esta que se estabelece? Segundo Chartier (2000), este gesto está associado ao príncipe, ao afirmar que:

No livro, a dedicatória ao príncipe é, inicialmente, uma imagem. Na era do livro manuscrito, numerosos são os frontispícios que representam o 'autor', ajoelhado, oferecendo ao príncipe, sentado no trono e provido dos atributos de sua soberania, um livro ricamente encadernado, que contém a obra da qual ele

é o criador, o tradutor, o comentador ou o comanditário. A cena investe de um conteúdo novo uma iconografia tradicional e frequente, presente nas miniaturas, nos afrescos, nos capitéis esculpidos, nos vitrais, nos retábulos: um doador ajoelhado oferecendo a igreja ou a capela, representada sob a forma de uma maquete, que ele mandou construir para a glória de Deus (CHARTIER, 2000, p. 186).

Nos chama atenção, portanto, as redes que se constroem em torno do simbolismo das coleções pessoais de livros e das dedicatórias nelas presentes. De fato, quando observamos a exposição virtual do Museu da República, "Dedicatórias a Getúlio Vargas: Fragmentos de uma Biblioteca", podemos vislumbrar vários aspectos identitários do ex-presidente. O primeiro deles é a presença de livros com temática positivista, mesmo não sendo um seguidor ortodoxo da doutrina, Vargas teve contato com o ideário comtianos e de outros pensadores, como Benjamin Constant, e isso se reflete em sua biblioteca pelo tema das obras.

Como mecenas do livro e incentivador da indústria editorial nacional (HALLEWELL, 1985; SODRÉ, 1966), Vargas fundou o Instituto Nacional do Livro (INL) e atribuiu a ele a missão de mapear a cultura nacional e incentivar a publicação de obras sobre o país, sua história e seu povo. Gilberto Freyre, um dos mais consagrados estudiosos da gente brasileira, dedica sua obra "Nordeste – Aspectos da influencia da canna sobre a vida e a paizagem do nordeste do Brasil" a Vargas da seguinte maneira: "Ao Presidente Getúlio Vargas que se interessa tão vivamente pelo estudo dos nossos problemas sociaes, homenagem de Gilberto Freyre. Rio 1937". Enaltecendo a figura do presidente e reforçando sua imagem de "pai dos pobres".

De fato, o INL tinha por missão "[...] a) organizar e publicar a Enciclopédia Brasileira e o Dicionário da Língua Nacional, revendo-lhes as sucessivas edições; b) editar toda sorte de obras raras ou preciosas, que sejam de grande interesse para a cultura nacional" (BRASIL, 1937). Tão atrelado à cultura nacional, é natural que a biblioteca de Vargas recebesse os frutos do patronato às "coisas do Brasil", ainda mais em 1937, como evidencia a dedicatória, já que o Estado Novo havia sido implementado e Vargas concentrava o poder em suas mãos como um ditador. Retomando a citação de Chartier (2000), a alegoria passa a ser de honrar o homem por trás da construção do Brasil moderno.

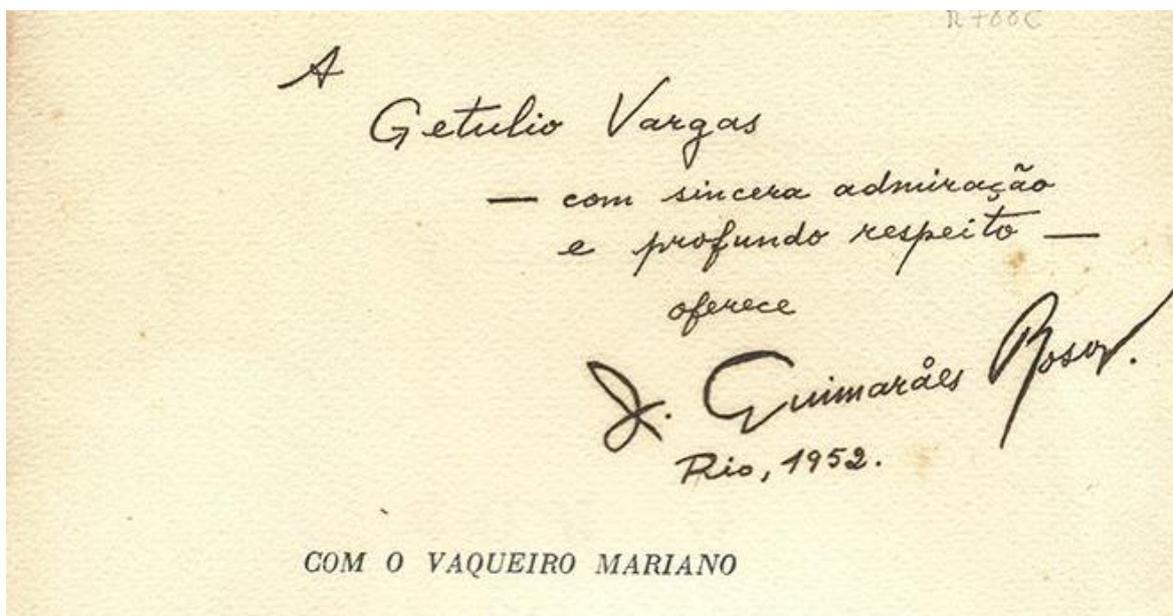
Na mesma linha segue a política de fortalecimento da língua estabelecida pelo INL, assim, o então presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), Gustavo Barroso, oferece a obra "Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa; organizado pela Academia Brasileira de Letras e Academia das Ciências de Lisboa. Vocabulário oficial, e tece a seguinte dedicatória "Ao Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, a quem deve o Brasil a uniformização e simplificação ortográfica do idioma, oferece a Academia Brasileira de Letras. Gustavo Barroso

Presidente. Rio 1/12/32". O papel de líder do país, grande benemérito da pátria é constante nas dedicatórias, que ainda exaltam seu intelecto e sabedoria.

A língua, a cultura, o folclore nacional e o livro, tudo isso fazia parte do arcabouço varguista para a formação identitária nacional; descobrir o brasileiro e o Brasil, ideal que era tão caro aos modernistas à época. Nessa linha, seu engajamento na promoção e difusão do livro resulta na simpatia e amizade de inúmeros editores, como José Olympio, e de autores. Guimarães Rosa dedica seu livro "Com o vaqueiro Mariano", "A Getúlio Vargas – com sincera admiração e profundo respeito – oferece J. Guimarães Rosa. Rio, 1952" (Figura 1).

Nesse sentido, o tema do livro de Guimarães Rosa e Gilberto Freyre, além do oferecido por Gustavo Barroso, traduzem o resultado material das políticas estabelecidas pelo governo Vargas para o livro e a cultura. Os temas são: o Brasil e os brasileiros, o nacionalismo sendo a marca, e a busca pelo Brasil moderno o projeto a ser desenvolvido. E o livro de Almir de Andrade é a síntese da política varguista, cujo título é "Fôrça, Cultura e Liberdade; origens históricas e tendências atuais da evolução política do Brasil", e sua dedicatória ao presidente diz o seguinte: "Ao Presidente Getulio Vargas, cujo pensamento político, integrado nas mais puras e genuínas tradições brasileiras, êste livro procurou interpretar – como expressão de profunda simpatia intelectual e muito sincera admiração. Em 28/8/1940 Almir de Andrade".

**Figura 1** - Detalhe da dedicatória de Guimarães Rosa a Getúlio Vargas.

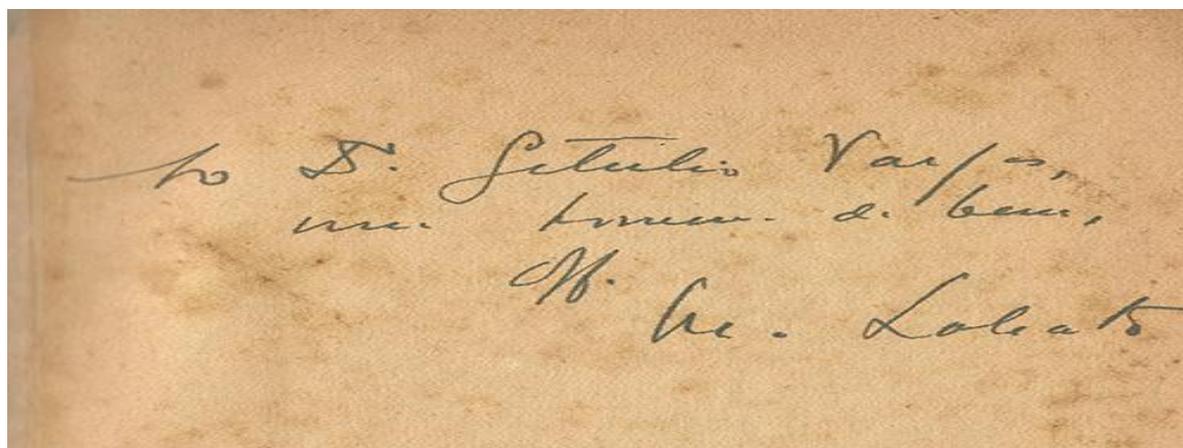


**Fonte:** Museu da República (2015).

Na esfera do fortalecimento da indústria nacional, Vargas tem em Monteiro Lobato um grande crítico quando se trata do petróleo. O escritor criticava a ausência de ações governamentais com relação ao produto e exigia que o Estado utilizasse as reservas brasileiras, acarretando em atritos com o chefe de Estado. Contudo, superadas as diferenças, Lobato qualifica Vargas como "um homem de bem" em uma de suas dedicatórias. Outros intelectuais exaltam a sua atuação na fundação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e o papel preponderante que exerce na liderança do país desde 1930. Francisco de Assis Barbosa tece dedicatória em biografia de Lima Barreto do seguinte modo: "Ao Presidente Getulio Vargas, fundador da Nova Republica, nascida com a Revolução de 30, e que forjou a confiança popular com o aço de Volta Redonda e a bondade de um grande coração. Francisco de Assis Barbosa".

Nos chama atenção de que a temática do livro e o conteúdo da dedicatória não dialogam entre si, mas fazem parte das políticas varguistas. Fato é que Lima Barreto foi redescoberto na década de 1940 e teve suas obras reeditadas ou compiladas como forma de homenagear o escritor que falava do Brasil, que enxergava as mazelas de seu povo e não poupava críticas. Por outro lado, a figura de Getúlio Vargas como promotor de um novo Brasil, moderno, e que se preocupava com o desenvolvimento nacional é evidenciado pela dedicatória, que exulta o chefe do Estado e exalta seus feitos, no caso desta dedicatória a inauguração da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redondo, cidade do interior do Rio de Janeiro.

**Figura 2** - Dedicatória de Monteiro Lobato a. Getúlio Vargas.



**Fonte:** Museu da República (2015)

Além disso, há inúmeros exemplares dedicados a ele e que possuem por tema sua vida pública ou privada, ou seja, sua biografia. São vários exemplares que buscam enaltecer a figura

de Getúlio Vargas e de seus governos, favorecendo a construção do imaginário social sobre ele. Coleções de livros também são repositório das próprias pessoas, ali estão presentes, como nos arquivos pessoais, textos do personagem e sobre ele.

Curioso observar que um de seus mais bem conceituados biógrafos, André Carrazzoni, foi perseguido nos primeiros anos da década de 1930, mas ao final do decênio lançava sua biografia do presidente, construída a partir de encontros entre os dois, como elucida Gauz (2015).

Até mesmo a forma como Getúlio Vargas usa seu ex-dono denuncia a construção de sua imagem, mesmo que para si. Seus primeiros livros são assinados como "Getúlio Dornelles Vargas" - seu nome completo -, após um tempo passa a assinar "Getúlio D. Vargas", já suprimindo o nome do meio, e, por fim, "Getúlio Vargas", evidenciando a mudança de perspectiva identitária e o prevalecimento da imagem por ele construída antes de "sair da vida para entrar na história".

#### **4 Conclusão**

É curioso observar que a simbologia do livro permite várias interpretações e analogias, fato comum é a sua imagem de possibilitar viagens imaginárias, amores impossíveis, aventuras incríveis através de seu conteúdo. As viagens são traço marcante, viaja-se a outros países, outras culturas, mundo imaginados, mas, também, viaja-se ao passado, reconhece-se no livro o poder de preservar histórias e nem sempre elas estão circunscritas no seu conteúdo original. Por vezes, as marcas deixadas por seus colecionadores e leitores nos contam muito da história daquele objeto.

Colecionar livros é um dos hábitos mais comuns e, ainda hoje, carregam o simbolismo de representar erudição e cultura. Mais do que isso, o livro quando em uma coleção pessoal reflete os gostos e interesses de seu colecionador, marcas de leitura e propriedade nele são postas, uma relação entre ele e objeto se estabelece nesta troca, evidenciando muito de sua história no decorrer do tempo, são sinais, restos e rastros (GINZBURG, 2003) que constituem as marcas de proveniência.

O livro circula em diferentes coleções e em cada uma delas se apropria da imagem do seu colecionador, refletindo-o pela eternidade. Eternidade esta que, na maioria das vezes, é possibilitada pela institucionalização da coleção em museus, bibliotecas, arquivos e outras instituições.

Daí, quando observamos atentamente a coleção de livros de Getúlio Vargas o que percebemos são traços identitários da construção de sua imagem de grande estadista do Brasil, mas ainda de mecenas, patrono e herói (DUARTE; CHAGAS, 2020). De fato, os que a ele rendem homenagens nos livros participam da criação da narrativa mitológica do personagem, exaltam seus feitos e exultam-se em poder oferecer ao então presidente um agrado.

Obviamente não esperamos que desafetos ou críticas sejam tecidas a Vargas nas dedicatórias ou no conteúdo dos livros, como Abreu (1996) aponta, a imagem que se deseja construir quando se doa e permite a exibição pública de uma coleção particular é a de um herói, nesse caso, o "pai dos pobres", grande líder da nação.

Chamamos ainda atenção para o fato de que os estudos do livro e suas marcas de proveniência são contínuos e possibilitam novas descobertas. Nós, por exemplo, identificamos que uma dedicatória teve a sua transcrição realizada de forma errônea, o dedicador da obra "Rondon, uma Relíquia da Pátria", de Amilcar A. Botelho de Magalhães, era Paulo Tacla, mas na descrição dos itens seu nome figura como Paulo Pacla, com 'p' ao invés de 't', algo comum, já que a paleografia não é uma ciência exata, mas que por meio dos estudos é possível aprimorar a compreensão sobre os rastros materiais impostos ao livro.

### Referências

ABREU, Regina. Memória, história e coleção. *In*: MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1996. v. 28. p. 37-64.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BENJAMIN, Walter. Desempacotando a minha biblioteca. *In*: BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, [2012]. (Obras Escolhidas, v.2)

BLOM, Philipp. **Ter e manter**: uma história íntima de colecionadores e coleções. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Le capital social. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, [s. l.], v. 31, p. 2-3, jan. 1980. Disponível em: [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss\\_0335-5322\\_1980\\_num\\_31\\_1\\_2069](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1980_num_31_1_2069). Acesso em: 10 out. 2020.

BRASIL. Decreto-lei nº 93, de 21 de dezembro de 1937. Cria o Instituto Nacional do Livro. **Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro, 27 dez. 1937. Seção 1. Disponível: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1930-1939/decreto-lei-93-21-dezembro-1937-350842-norma-pe.html>. Acesso em: 10 out. 2020.

BUCAILLE, Richard; PESEZ, Jean-Marie. Cultura Material. *In: ENCICLOPÉDIA Einaudi: Homo - Domesticação - Cultura Material*. Lisboa: In-Cm, 1989. v. 19, p. 11-47. Disponível em: <https://pdfslide.net/documents/cultura-material-richard-bucaille-e-jean-marie-pesez-enciclopeida-einaudi.html>. Acesso em: 7 out. 2020.

CHARTIER, Roger. O Príncipe, a biblioteca e a dedicatória. *In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Orgs.). O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000. p. 182-199.

DUARTE, Bárbara Társia; CHAGAS, Mário de Souza. Documentação, museu e memória: a Coleção Getúlio Vargas do museu histórico nacional. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 25, p. 1-18, 2020. No prelo.

GAUZ, Valéria. Introdução. *In: MUSEU DA REPÚBLICA. Dedicatórias a Getúlio Vargas: fragmentos de uma biblioteca. Fragmentos de uma Biblioteca*. 2015. Exposição Virtual. Disponível em: <http://museudarepublica.museus.gov.br/exposicoes/dedicatorias/paginas/index.htm>. Acesso em: 10 out. 2020.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In: GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.143-179.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

LIRA NETO. **Getúlio**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2012. 3 v.

MOLES, Abraham A. **Teoria dos objetos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.

MURGUIA, Eduardo Ismael. O colecionismo bibliográfico: uma abordagem do livro para além da informação. **Encontro Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, p.87-104, 2009.

MUSEU DA REPÚBLICA. **Dedicatórias a Getúlio Vargas: fragmentos de uma biblioteca. Fragmentos de uma Biblioteca**. 2015. Exposição Virtual. Disponível em: <http://museudarepublica.museus.gov.br/exposicoes/dedicatorias/paginas/index.htm>. Acesso em: 10 out. 2020.

PALMA PEÑA, Juan Miguel. La socialización del patrimonio bibliográfico y documental de la humanidad desde la perspectiva de los derechos culturales. **Revista General de Información y Documentación**, [s. l.], v. 21, p. 291-312, 2011.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. *In: GIL, Fernando. Enciclopédia Einaudi: memória-história*. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. v.1, p. 51-86.

POMIAN, Krzysztof. Memória. *In: GIL, Fernando. Sistemática*. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2000. p. 507- 516.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Memória e Informação, v. 4, n. 2, p. 193-210, jul./dez. 2020